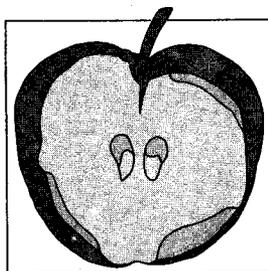


# E OS MOVIMENTOS DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA?

Angelina Teixeira Peralva  
Da Universidade de São Paulo



Desde algum tempo esses movimentos vêm marcando presença na luta sindical e apontando para (pelo menos) duas questões importantes: por um lado, a do seu significado histórico mais geral; por outro, a do eventual impacto que poderiam ter no sentido de uma renovação pedagógica da escola pública.

O primeiro problema tem sido discutido a partir da constatação de que o magistério vem sofrendo, há alguns anos, um acentuado processo de proletarização. Isso estaria deslocando o professor, de uma situação social de algum modo privilegiada, para uma outra em que ele passa a ser, simplesmente, um trabalhador da área de educação, como qualquer outro trabalhador assalariado (Oliveira, 1987). Esse modo de perceber a mudança na situação do professor tem dado a tônica a alguns debates sobre a questão educacional nos anos oitenta<sup>1</sup>.

A proletarização se expressa em um rebaixamento dos padrões de remuneração (Oliveira, 1987), mas também pelo fato – e isso é apenas um outro aspecto do mesmo problema – de que, sob o efeito de novas divisões

1 "(...) os educadores (...) procuram conquistar seu espaço como trabalhadores, tentando redefinir desde sua condição de trabalho até sua relação com os diferentes setores da sociedade." E também: "Os educadores tomam consciência de que a luta pela democratização da sociedade brasileira exige que sejam aprofundadas, com maior clareza, a questão organizatória e a busca de uma perspectiva sindical, pensada cada vez mais como uma questão política." Considerações por ocasião da abertura da seção "Movimento dos Trabalhadores em Educação." (Movimentos..., 1980)

técnicas, o trabalho do professor sofre uma crescente perda de autonomia<sup>2</sup>.

Essas considerações, embora necessárias, parecem-me insuficientes para situar uma discussão sobre o movimento de professores. A analogia entre as transformações que vêm atingindo o trabalho do professor e aquelas que historicamente incidiram sobre as relações de produção de bens materiais no processo de divisão do trabalho, embora sugestiva, não deve induzir-nos a perder de vista aquilo que existe de essencialmente novo na situação atual.

É preciso talvez lembrar que os movimentos de professores em sua forma atual<sup>3</sup> – isto é, a de movimentos de trabalhadores da área da educação – são um fenômeno próprio de sociedades onde a produção e a difusão sistemáticas de conhecimento constituem elementos centrais de uma nova dinâmica histórica. A associação hoje corrente entre as noções de pesquisa e desenvolvimento (P&D) traduz o significado tendencialmente prático do conhecimento nas sociedades industriais modernas, diz da sua importância para a produção da sociedade<sup>4</sup>. Por isso mesmo, os movimentos de professores precisam ser compreendidos como parte de um conjunto de movimentos sociais – estudantis, ecológicos, antinucleares – que, de diferentes maneiras, dão expressão a um conflito (essencialmente novo) em torno de formas alternativas de utilização social do conhecimento.

Do mesmo modo, nunca a escola foi tão importante quanto é hoje, do ponto de vista da reprodução das condições de funcionamento da sociedade, nunca ela traduziu tão diretamente quanto hoje os níveis de educação sistemática em termos de hierarquia social<sup>5</sup>. Assim, a proletarianização do magistério aparece também como contrapartida de uma massificação da educação formal, resultado, em muitos casos, de movimentos em prol da democratização do acesso ao ensino secundário e superior; mas que se explica também pela novidade das transformações mencionadas. O professor não é, portanto, um assalariado qualquer. Ele lida com uma matéria-prima especial, o conhecimento, que permeia toda a produção e o funcionamento da sociedade moderna e suas relações de classes.

É claro que esse processo ganha contornos particulares no quadro de um desenvolvimento capitalista dependente, como o brasileiro, sujeito a fortes desequilíbrios econômicos. Se, por um lado, nesse contexto, as orientações básicas que definem a dinâmica do desenvolvimento obedecem aos padrões mais modernos, por outro uma série de problemas típicos do universo das sociedades industriais do século XIX ainda não foram resolvidos.

Isso configura um quadro de lutas no país, que se poderia talvez caracterizar como de dois tipos. Certos movimentos populares expressam uma demanda, de natureza essencialmente quantitativa, relacionada com a democratização do acesso a determinados bens e serviços. São movimentos que se relacionam com o estado enquanto consumidores, sem no entanto lograr influir substancialmente na redefinição das políticas públicas que sustentam a oferta desses bens e serviços<sup>6</sup>. De outra natureza são, talvez, aqueles movimentos que de algum modo se situam no centro do processo de produção dessas políticas e que por isso mesmo são mais capazes de

2 "Insistimos nesta análise que o fundo do problema das especializações reside na organização do trabalho, que não tem base objetiva nem no processo de produção, nem no processo educativo, que são antes o resultado de uma certa divisão do trabalho que tenta subutilizar e subestimar as capacidades gerais do trabalhador e educador de base, e, conseqüentemente, mutilar e esterilizar suas reservas intelectuais. É esta a lógica que dirigiu a introdução das figuras dos especialistas no processo educativo." (Arroyo, 1980; Apple, 1987)

3 Movimentos de professores existiram no passado, como parte de uma vanguarda intelectual, ou como movimentos de opinião. A respeito do "fim da *intelligenzia*". (Touraine, 1978, p. 16)

4 Esse tema tem sido permanentemente enfocado por Touraine (1973, p. 25-6), no conjunto do seu trabalho. A noção de *produção da sociedade* constitui-se a partir de uma dupla negação. Por um lado, negação da idéia de que a sociedade possa ser pensada como puro funcionamento ou pura *reprodução* de suas condições de existência, como na sociologia funcionalista: "As sociedades humanas não podem ser definidas de modo suficiente por suas regras e por seus instrumentos de funcionamento uma vez que elas agem sobre seu próprio funcionamento para modificá-lo ou para ultrapassá-lo." Mas também negação da idéia de que a produção da sociedade deva ser entendida exclusivamente (ou mesmo principalmente) como atividade econômica. A economia é apenas um aspecto dessa produção, do mesmo modo que a atividade científica, cujo significado jamais poderia ser reduzido a suas implicações estritamente econômicas ou (menos ainda) a uma pura ideologia. A produção de conhecimento é parte fundamental da *produção da sociedade*, porque é ela que diferencia o sistema social de outros sistemas concretos. "A sociedade humana não pode ser reduzida a um organismo que se reproduz de forma imutável e que apenas se transforma por intermédio de mutações provocadas por acontecimentos internos ou externos; a sociedade não é unicamente capaz de se adaptar a um contexto cambiante e de modificar constantemente as regras do seu próprio funcionamento. A sociedade humana é capaz de colocar paralelamente à ordem de suas atividades, a ordem de suas representações, ela possui uma capacidade simbólica que lhe permite construir um sistema de conhecimento e instrumentos técnicos através dos quais intervêm em seu próprio funcionamento."

5 Tenho procurado sugerir a idéia de que a generalização da escolarização, como modo de educação dominante, pode ser pensada como sobreposição de dois momentos históricos com características diferenciadas. No contexto da revolução industrial, na Europa do século XIX, a escolarização se desenvolve em sentido "horizontal", isto é, como escolarização das camadas populares, posto que a família trabalhadora – agora assalariada – tornou-se incapaz de prover às tarefas básicas de socialização. Algumas pesquisas sobre a educação na Inglaterra têm, por sinal, procurado negar a idéia amplamente difundida de que a escola, nessa época, tivesse algum significado em termos de formação de competências para o mercado de trabalho (Johnson, s. d.). Em um período mais próximo – e sobretudo a partir do segundo pós-guerra – no contexto de uma série de transformações estruturais do capitalismo, a escola se generaliza em sentido "vertical", tornando-se, afim, realmente formadora de competências para o mercado de trabalho, em todos os níveis da hierarquia social. Vale lembrar a importância relativamente recente atribuída ao diploma de ensino superior, como requisito para o desempenho de funções de comando nas empresas norte-americanas: "*Aux Etat Unis par exemple la statistique atteste l'augmentation continue de la proportion des membres des catégories dirigeantes sortis des Universités(...) 57% des dirigeants de l'industrie étaient diplômés des Colleges en 1928*". (Bourdieu & Passerou, 1970, p. 173, nota 7). Sobre a questão da escolarização "horizontal" e "vertical", Peralva, 1985.

6 Essa idéia é sugerida por Ruth Cardoso (s.d.): "As reações da empresa pública mostram que a população pode impor algumas mudanças de atitude, mesmo aos planejadores mais distantes dos interesses populares, mas que é importante quanto a modificações na política geral da empresa."

gerar orientações alternativas às orientações dominantes. Essa me parece uma distinção interessante para pensar o movimento de professores e quem sabe talvez também o movimento dos trabalhadores da área da saúde.

O atual movimento de professores da rede pública de primeiro e segundo graus no Brasil tende a articular-se em torno de três grandes eixos. Sobre a questão salarial assenta sem dúvida a ampla base de massa do movimento. Há, por outro lado, uma discussão relativa aos rumos da educação e à "qualidade" do ensino. Por último, propõe-se também como necessária uma democratização geral da estrutura de poder no interior do sistema escolar.

A reivindicação salarial – e tudo que a ela se vincula, como a discussão sobre uma organização adequada de carreira, através dos estatutos do magistério – é a que possui mais forte capacidade de mobilização. Ela é importante porque coloca na ordem do dia a necessidade de uma inversão mais conseqüente de recursos na área da educação pública.

Por outro lado, embora a discussão educacional tenha mobilizado nos últimos anos um número razoavelmente amplo de professores, através de congressos realizados pelas associações docentes, do ponto de vista da prática cotidiana do professor e da transformação imediata de certas condições de trabalho nas escolas, ela na verdade ainda preocupa apenas a um número bastante restrito de militantes pedagógicos<sup>7</sup>. Esses militantes, cuja atuação constitui sem dúvida um dos aspectos mais interessantes do movimento, são aqueles que de algum modo compreendem que o professor tem em mãos um poder, intrínseco à sua atividade docente, que é o de definir, através da avaliação do rendimento, o destino social de cada um dos seus alunos. É claro que ele faz isso de acordo com regras preestabelecidas. Mas o modo como é manipulado esse instrumento de poder que é a avaliação do rendimento escolar é algo que depende, em última análise, do próprio professor e apenas dele.

Nesse sentido, aquilo que genericamente se designa como uma desejável "qualidade" do ensino seria talvez mais precisamente expresso como capacidade de o professor produzir (apesar de condições extremamente desfavoráveis) um saber pedagógico suscetível de garantir às crianças das classes populares o acesso aos conteúdos programáticos fundamentais propostos pela escola.

A produção desse saber pedagógico, embora firmada em certos marcos teóricos, não pode ocorrer senão de forma descentralizada, a nível das escolas, posto que envolve uma relação social específica – a relação professor-aluno em sala de aula.

E no entanto, ela só adquire significado social no interior de um movimento, capaz de perceber que, através desse saber pedagógico, o professor se afirma enquanto produtor (de um conhecimento específico), redefinindo seu papel histórico e contrapondo-se à lógica do sistema que faz dele um agente do fracasso escolar e da marginalização das classes populares<sup>8</sup>.

Tal produção, no entanto, choca-se freqüentemente contra uma administração escolar centralizada, autoritária e politicamente conservadora. Nesse sentido, a reivindicação de uma descentralização e de uma democratização da administração escolar parece ser uma das mediações necessárias, para que a produção desse saber pedagógico se viabilize.

Se considerarmos que o significado histórico de um movimento é algo que se constrói no bojo do próprio movimento, então é possível dizer também que a importância do atual movimento de professores da rede pública será tanto maior quanto mais adequadamente for equacionada

a relação entre esses três eixos de mobilização, assim como a relação entre o movimento de professores e a luta das demais categorias de trabalhadores.

A luta salarial é muito mais importante, sem dúvida, mesmo porque, se o professor da rede pública é tão mal pago, é justamente por servir a uma camada desfavorecida da população.

A luta pedagógica e a luta pela democratização da estrutura de poder são fundamentais, porque redefinem o destino social do conhecimento e as bases do seu controle. É também fundamental que alunos e pais de alunos sejam associados a essa luta e, nesse âmbito, os professores têm em mãos um outro poder, que é o de abrir as escolas (e o universo escolar, com seus códigos próprios) a uma população que tem procurado garantir, nos bairros populares, o seu direito de acesso à educação.

Na capacidade de contrapor uma alternativa à política educacional dominante que, de diversas maneiras, tem reduzido o professor no Brasil a desempenhar um papel de agente do fracasso escolar, situa-se provavelmente o mais alto significado histórico possível do atual movimento dos professores da rede pública.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPLE, M. W. Relações de classe e de gênero e modificações no processo do trabalho docente. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, CEDES, (60): 3-14, fev. 1987.
- ARROYO, M. G. Operários e educadores se identificam: que rumos tomará a educação brasileira? *Educação & Sociedade*. São Paulo, CEDES/Cortez Editora, 2 (5) 1980.
- BOURDIEU, P. & PASSERON, J. C. *La reproduction*. Paris, Minuit, 1970.
- CARDOSO, R. *Movimentos populares urbanos: balanço crítico*. s.d. (mimeo.).
- JOHNSON, R. Notes on the schooling of the english working class: 1780-1850. In: DATE, R. et alii (ed.) *Schooling and capitalism: a sociological reader*. Opening University, s.d.
- MOVIMENTOS dos trabalhadores em educação. *Educação & Sociedade*. São Paulo, CEDES/Cortez Editora, 2 (5): 132-5, 1980.
- OLIVEIRA, R. P. Professorado e sindicato: do sacerdote ao trabalhador assalariado. In: FISCHMANN, R. (coord.) *Escola brasileira: temas e estudos*. São Paulo, Atlas, 1987.
- PERALVA, A. *Classe moyenne, luttes sociales et education au Brésil*. Paris. Tese de doutoramento – Université de Paris I – Sorbonne, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Discutindo o fracasso escolar na França e no Brasil*. 1987. (Comunicação ao II Seminário Regional da SBEC, São Paulo, abr. 1987 e no IV Congresso Mundial de Educação Comparada). Rio de Janeiro, jul. 1987.
- TOURAINÉ, A. *Lutte étudiante*. Paris, Seuil, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Production de la société*. Paris, Seuil, 1973.

7 Arroyo (1980, p. 17) insiste sobre a importância dessa dimensão do movimento de professores: "seu movimento não tem um caráter reivindicatório, mas questiona todo o sistema escolar e sua função social". É interessante também notar que, na França, onde uma estabilidade econômica relativamente maior limita a importância da luta salarial para o magistério, o militantismo pedagógico ganha uma autonomia relativa e aparece, freqüentemente, separado da luta sindical (Peralva, 1987).

8 É curioso observar, através de exemplos como o do grupo *Semente*, da APEOESP, como o militantismo pedagógico recoloca nos termos próprios do movimento uma questão usualmente pensada como "formação de professores". Ao explicitar uma vontade de transformação do ensino, o militantismo torna-se, por si mesmo, gerador de formação. Ele se traduz em uma busca de referências teóricas e favorece a reapropriação individual desses referenciais, para a sua expressão em prática efetiva.